

10-2017

## Fim-de-semana em missão no norte de moçambique

José Manuel Sabença

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

---

### Recommended Citation

Sabença, J. M. (2017). Fim-de-semana em missão no norte de moçambique. *Missão Espiritana*, 27 (27). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol27/iss27/72>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

O projecto dos Hostels tem assumido proporções um pouco diferentes em relação ao tempo em que eu lá estava. O Distrito está a estudar a possibilidade de, juntamente com a diocese, integrar este ministério no âmbito mais alargado da Justiça e Paz. Um serviço a tempo inteiro neste domínio parece-me muito dentro do nosso carisma Espiritano. É sempre bom ver pessoas e locais, sobretudo se tal realidade faz parte integrante da nossa história e missão. Obrigado a quem me acolheu e me proporcionou esta oportunidade, mantendo-se aberta a porta, mesmo do ponto de vista legal, com um carimbo no passaporte.

Na visita a Moçambique era importante estar com todos os confrades da comunidade de Netia, em Nampula, mas também aconteceu, por coincidência, encontrar-me lá com o John Kingston, da comunidade de Inhazónia, Chimoio, e o P. Jerónimo Cahinga, em visita de Roma. Realçaria duas impressões. Primeira: Os nossos jovens confrades, Pedro Fernandes, Damasceno e Tiago Barbosa, estão bem empenhados em dar corpo à nossa maneira de ser missionário e Espiritano. São novos mas bem Espiritanos: quer na sua vida comunitária, feita de comunhão e de oração; quer na sua inserção e proximidade junto do povo pobre. Há mais dois confrades com eles: o P. Alberto, angolano, que estava de férias, e o estagiário Matias, também angolano. A comunidade estava também a viver a experiência positiva de acolher um cooperante francês, Christophe de nome, enfermeiro de profissão. A segunda impressão é a de que a nossa presença em Moçambique se vai alargando pouco a pouco. Primeiro por uma necessidade interna: seria muito útil mais uma comunidade, talvez na capital, em ordem a um maior apoio às comunidades do interior. Em segundo porque há aí, de facto, muitas situações onde podemos ser, como fomos noutras paragens, os Missionários do Espírito Santo.

*'Missionários Espiritanos', Maio de 2001, Editorial.*

## **FIM-DE-SEMANA EM MISSÃO NO NORTE DE MOÇAMBIQUE**

Éramos 5. Nem muitos nem poucos. Tantos como os dedos de uma mão e nunca ninguém pensou que por ter cinco, teria um dedo a mais. Também nenhum de nós pensou estar a mais naquela viagem, naquele jipe, naquela casinha, naquela comunidade cristã, naquele fim-de-semana pascal em Djipwi, algures na diocese de Nacala, em Moçambique. O P. Pedro Fernandes

e o P. Damasceno lançaram o convite ao P. José Manuel, ao Victor Narciso e ao P. Cahinga, Conselheiro Geral da Congregação do Espírito Santo a que todos eles pertencem. ‘Venham passar o fim-de-semana connosco, mais lá para o interior, mais perto daqueles que estão mais afastados e abandonados’.

### **Viagem aos solavancos**

No sábado, de tarde, lá partimos os cinco. Depressa a noite caiu. A paisagem deixou de ser deslumbrante. As 3 horas e tal de viagem, por caminhos bem sinuosos e cheios de capim, foram bem preenchidas com solavancos, piadas e até troca de anseios, ideias e projectos. Chegámos àquela casinha onde habitualmente os dois missionários Espiritanos passam parte da semana, em serviço mais próximo às muitas comunidades cristãs daquela grande, grande zona. Não há porteiro nem campainha, nem sequer um cão. No breu da noite o silêncio torna-se mais forte, mais silencioso! Abre-se a porta. Entramos naquela casinha, tão respeitosa como se entra numa capela, num santuário. E não será assim que Deus se aproximou do seu povo? “Deus enviou o seu Filho ao mundo armando uma barraca no meio de nós” – atrevem-se alguns a traduzir assim as palavras do Prólogo de S. João. A casinha é pequena e bem frágil. Feita em adobes e madeira. Com dois quartos, uma cozinha, uma latrina e um espaço vazio que está destinado a ser canto de oração. O quarto melhor calhou aos hóspedes, quanto mais não fosse para que os mosquitos nos deixassem mais em paz. O jantar simples, depressa cozinhado num pequeno fogão a gás, partilhou-se alegremente à luz do candeeiro e na comunhão do Espírito. Na simplicidade e na alegria, na profundidade e na pobreza, sentimo-nos em casa, como se já antes tivéssemos ali partilhado não só o pouco espaço mas sobretudo o muito de fé e de zelo, de esperança e de coragem daqueles jovens missionários.

### **Acompanhados no meio dos pobres**

O descanso daquela noite foi de expectativa e de gratidão. Gratidão a Deus por continuar a enviar jovens que querem acampar no meio dos pobres para junto deles serem sinal do Seu Amor, da Sua Bondade e Salvação. Expectativa porque o Espírito continua a agir mesmo durante a noite, mesmo fora da casa onde, bem lá longe se passará o dia de domingo, o amanhã da esperança e da vida nova. É que vai haver baptismo! E muitos – disseram-nos. De manhã cedo levantámo-nos. Enganamos o estômago com uma chávena de leite e umas bolachas. E depois de louvar e bendizer o Senhor, lançamo-nos ao caminho. Mais uma hora e tal de “picada” até àquela comunidade. Uns qui-

lómetros antes nota-se que os Missionários são esperados. O capim está cortado, a picada está mais limpa e já se vêem muitas pessoas a pé e um ou outro de bicicleta. Chegamos. Esperavam um missionário como acontece uma ou duas vezes por ano e afinal chegam cinco. Sente-se a alegria, mesmo que não seja muito exteriorizada. Mais gente vai chegando enquanto o P. Pedro e o P. Damasceno combinam com os animadores da comunidade os pormenores da celebração, as listas dos que vão ser baptizados e casados.

### **Os Líderes das comunidades**

São os diferentes animadores da comunidade, cada um com um serviço específico, que preparam adultos e crianças, jovens e casais, para receberem os sacramentos. São eles que mantêm viva e activa a comunidade cristã ao longo do ano, presidindo em cada domingo à celebração da Palavra e procurando para cada dia as respostas cristãs às necessidades dos membros da comunidade, sejam elas ensinar as primeiras letras às crianças ou construir uma pequena capela de adobes e palha. São muitos os ministérios ou serviços naquelas comunidades: da caridade ou da justiça e paz; da educação ou da juventude; dos casais ou da liturgia. Todos se unem e colaboram para fazerem da comunidade cristã uma verdadeira família onde ninguém fica de fora e todos são respeitados, atendidos e cuidados. O missionário que chega vem presidir a esta família, fortalecê-los na fé e presidir à Eucaristia; verdadeiro sacramento de comunhão e de vida. Assim foi também naquele domingo.

### **Um domingo especial**

Depois de todos se congregarem à volta do altar improvisado e ajeitarem debaixo de algumas sombras, iniciou-se a celebração dominical. Era mesmo o Dia do Senhor. Para muitos foi o primeiro grande dia da sua Vida, da sua Vida Nova. Cerca de 100 pessoas, quase só adultos foram baptizadas. O P. Pedro, por um lado, e o P. Damasceno por outro, foram derramando sobre tantos homens e mulheres a água do Espírito que os tornou membros da nossa Igreja, Corpo de Cristo. Uma certa agitação jubilosa poderia dar-nos a entender que também ali, como em Jerusalém no dia de Pentecostes, o Espírito Santo estava presente, actuante e não havia vinho doce! A celebração dos casamentos, trinta e tais, veio depois. Nem todos tiveram aliança para trocar, mas não faltou o compromisso de, em casal, serem comunidade de fé e de amor.

## **Partilhar a vida**

Depois de 3 horas e tal de celebração e de festa, também já sentíamos o cansaço. Não nos deixaram regressar sem antes partilharem connosco do seu alimento, da sua pobreza e simplicidade. Num prato, bolo de milho, e noutra uns pedaços de carne, que fomos partilhando e comendo à mão, com os cinco dedos.

Foi assim que, naquele momento da minha visita aos Missionários Espiritanos em Netia, Moçambique, eu me senti mais missionário e mais Igreja. Mais missionário com os colegas que se dão de todo o coração à Missão de Jesus no meio daqueles pobres. Mais Igreja com aquele povo que aceita o desafio e exigências da fé que professam.

Obrigado aos Missionários. Obrigado aos animadores de comunidade. Obrigado ao povo cristão.

*‘Ação Missionária’, Junho de 2001, p.3.*

## **COM FÉ E A FORÇA DO ESPÍRITO**

Libermann diz-nos que o “missionário vive da fé, no meio de muitas contradições e penas”. O Superior Geral, na sua mensagem para este Ano Espiritano que estamos a viver, pergunta-nos como está a nossa fé e se a “fé tem alguma repercussão na maneira como vivemos as situações difíceis”.

A Quaresma é também um tempo de caminhada e de travessia do deserto onde não há peregrino que resista às tentações, se não tiver fé. Ser missionário é sobretudo dar testemunho de fé. Uma fé que não dê testemunho, é como jardim sem flores e lareira sem fogo. Só pela fé, por uma vida de relação profunda e intensa com Cristo, podemos ser mais como Ele e tornar o seu rosto visível no Mundo.

A palavra “FÉ” é constituída unicamente por duas letras. Nessas letras vejo a sigla de “Força do Espírito” e “Fraternidades Espiritanas”.

A primeira frase remete-me para o lema jubilar que nos é proposto pelo Conselho Geral, “Com a força do Espírito”. Também Jesus foi movido pela força do Espírito para que do deserto onde foi tentado, à Cruz onde foi pregado, fosse manifestando a sua fé em atitudes de filiação confiante e em gestos de salvação libertadora. Como Filho, foi-lhe pedida a obediência – escuta – à voz do Pai; como Salvador, foi-lhe pedida a renúncia a si mesmo, entregando-se até ao fim, até á última gota do seu sangue. Uma fé assim torna-se